

La table, le livre et les Esprits

AUBRÉE, Marion, LAPLANTINE, François, La table, le livre et les Esprits. Magics et médiums. France Ed. Jean Claude Lattes 1990.

O livro trata do nascimento, evolução e atualidade do movimento social espírita entre a França e o Brasil. Nascidos na França na segunda metade do século XIX, sob a orientação de Allan Kardec, o espiritismo e seus médiuns conheceram um grande sucesso, não apenas junto às massas, mas junto aos cientistas e aos progressistas, pois a doutrina espírita desempenhará um papel não negligenciável no pensamento (pasmem!) socialista da época.

Mas afinal, que faz um livro com esse nome na seção de Resenhas de uma revista de educação? A mesa, o livro e os espíritos... magias e médiuns. É certo que o pluralismo de nossas fontes de reflexão sobre o tema da educação aceitará de bom grado uma contribuição, digamos, exótica, mas não é disso que se trata; trata-se para além do que tratam os autores, de uma questão de educação e mesmo de história da educação.

Tudo começa por uma olhada na vida deste homem que até hoje é lembrado por desconhecido que tornam seu túmulo o mais enfeitado do cemitério de Pere-LaChaise em Paris, Allan Kardec, aliás, Léon Rivail (1804 - 1869). A educação inicial de Denizard-Hyppolyter-Léon Rivail foi feita na escola pública de sua cidade, Lyon, até os dez anos. Foi quando sua família, como tantas outras de clara configuração liberal, desejava de retirá-lo da influência de um catolicismo insidioso e conservador, enviou-o para estudar no estrangeiro, e a escolha recaiu sobre Neuchatel, onde Pestalozzi aplicava e desenvolvia os métodos preconizados por Rousseau.

Toda sua referência inicial vai estar ligada, pois, ao que havia de mais propriamente educativo, tanto em termos de valores, quanto em termos de métodos em pleno século XIX. Ele convive com alunos vindos de todos os lados da Europa e recebe uma educação liberal fundada na confiança na natureza e na infância, no abandono das vexações e punições corporais. A instituição na qual está e a personalidade daqueles que a dirige, Pestalozzi, vão representar para ele valores de instrução e de moral que certamente estarão presentes na sua atitude enquanto espírita. E mesmo sobre a base cosmopolita do ensino recebido que ele construirá aqueles princípios que almeja para a grande família espírita. Nada disso era mesmo estranho ao mestre, cuja "devoção" era convidar para a refeição espiritual os pobres, os desprezados, os rejeitados e fazer deles homens. Para Pestalozzi, a educação servia para "fazer aparecer, até a mínima parcela, o divino que existe em nós".

Segundo Marion Aubrée e François Laplantine, a influência de Pestalozzi sobre Rivail, ou Kardec, vai se fazer em pequenas, mas significativas coisas. "... como seu mestre, Rivail avalia que

uma ciência da educação - e ele inclui as mulheres - fundada sobre a natureza e não sobre as crenças no sobrenatural (leia-se catolicismo) é a pedra de toque da evolução harmoniosa da sociedade. Enfim, o protestantismo liberal de Yverdon vai modelar o próprio espiritismo em sua doutrina e até na sua organização, da seguinte maneira: desconfiança com respeito à improvisação, pontualidade das reuniões, cerimonial extremamente despojado, silêncio e recolhimento, enfim um rigor bastante calvinista. (...) Mais ainda, através de Pestalozzi, é a influência de Rousseau e da filosofia do século XVIII que vai formar o espírito de Rivail e servir de modelo à edificação do espiritismo no seu ideal de tolerância, de fraternidade, de universalidade. A filosofia do século XVIII sim, mas também uma moral "suiça", isto é, notadamente a ordem (antes de se tornar Kardec, Rivail se dedicará à contabilidade) as estritas fronteiras entre o bem e o mal, a seriedade, o sentido do sucesso, a precisão (isso será achado notadamente nos artigos do Livro dos Espíritos e os regulamentos das sociedades espíritas), o gosto pela limpeza e o ideal de um trabalho bem feito".

Em 1820 Denizard Rivail deixa a Suíça para se instalar em Paris onde vai se dedicar à educação que, de uma forma ou de outra, é o que ele para sempre irá fazer ("a educação é a obra da minha vida"). Sua prática pedagógica vai incluir a criação de uma escola e a publicação de manuais de aritmética, de gramática (Cathéchisme grammatical de la langue française - 1848) que chegaram a ser adotados na universidade. Mesmo um projeto pedagógico (Plan proposé pour amélioration de l'Éducation Publique) mereceu sua atenção, não fugindo à regra daqueles que se dedicando à educação desejam ver seu crescimento. De uma maneira geral, a tônica de seus livros indicava uma renovação dos métodos e reservava um marcado lugar para a educação moral.

Casa-se em 1832 e sua mulher - Amélie Boudet - vai se sua grande colaboradora, seja lecionando, seja ajudando-o na elaboração dos livros. "O casal Rivail, para o qual o ensino é um apostolado, se interessa essencialmente pelas ciências exatas. Nesse período de Romantismo, a literatura parece deixá-los indiferentes." A mim, mas não aos autores do livro, chama a atenção a recorrência dos significastes religiosos (apostolado, catecismo e deverão haver outros) presentes na sua obra e idéias, mesmo se Kardec for marcado pelo espírito positivista e universalista.

Seu interesse pelas ciências exatas é que vai aproximá-lo do magnetismo (enquanto ciência), e mais tarde das mesas que giram (entre nós os copos que falam são mais conhecidos). Sua aproxima-

mação com esses e outros fenômenos é cuidadosamente descrita pelos autores, mas interessa-nos mais as aproximações entre o espiritismo e a educação de que o livro dá pistas e que pode suscitar uma pesquisa muito interessante. O que é novo no "espiritismo, que é uma idéia moderna às mutações sociais e técnicas do século XIX, é que uma forma particular de comunicação com o além vai ser erigida em sistema e ser mesmo o pivot de uma doutrina. Tal é com efeito o espiritismo: a doutrina fundada sobre os estudos dos ensinamentos dos próprios espíritos que, a partir dos anos 1847, enviarão, de todos os pontos do globo, sem cessar, mensagens aos homens." A meu ver por aí se podem investigar as intrincadas relações entre espiritismo e educação.

Qualquer pessoa que já tenha estado em uma sessão espírita (e entre nós é difícil achar quem não tenha nenhuma noção do que ali se passa) saberá que a comunicação e a doutrinação são os pontos fortes. Há uma hierarquização dos espíritos - superiores e inferiores - e uma maneira de ser promovido de um estágio a outro. Ora, essa maneira se baseia, e quase que só, na educação. Aliás, todos os passos que serão dados no funcionamento e na teoria. Por exemplo, se se nasce com um potencial mediúnico, é através de educação que se chegará a ser médium; não se é um "espírito de luz", aprende-se a sê-lo; não se deixa de ser um "espírito de trevas" senão aceitando passar por uma longa doutrinação educativa. Alguém estará encarregado, dentro daquele círculo de trabalho, de promover esse bem geral, e essa pessoa não é o médium, que no limite faz a intermediação entre os espíritos e os seres humanos, "encarnados", mas o dirigente, que se incumbe também da educa-

ção dos vivos, isto é, preparando-os para serem bons e boas espíritas ou espíritos.

A produção espírita é fantástica, para uma religião que esteve clandestina durante tantos anos, em um País de analfabetos: até o primeiro trimestre de 1987, para 7000 exemplares do Evangelho segundo o Espiritismo, em francês, a Federação Espírita Brasileira oferece a surpreendente cifra de dois milhões de exemplares, em 96 edições. Há outros dados igualmente reveladores e que podem fazer pensar aqueles que se preocupam com a leitura e sua possibilidade e difusão no País. No capítulo em que estão esses dados, Difusão da doutrina e obras sociais. (p. 194), os autores centram sua explicação para o título dado ao trabalho. Atualmente, o centro do desenvolvimento do espiritismo é o livro, e não a mesa - mesmo se se reúne em torno de uma - ou os copos faltantes. Pode-se pensar na importância da Bíblia em outros tempos, e mesmo hoje, para o desenvolvimento das religiões evangélicas, como forte instrumento de ascensão social e acesso a um certo saber.

O assunto é mais sério e mais intrigante do que uma resenha comporta. Ficarão surpreendidos em ver nomes de socialistas, cientistas, positivistas envolvidos com essa forma de educar humanos e não humanos, com essa forma de esperança e de ilusão partilhada por tantos brasileiros. O livro deverá estar brevemente traduzido; acompanhem o noticiário editorial e não percam!

*Eliane Marta Teixeira Lopes
Profª do Departamento de Ciências
Aplicadas à Educação - FAE/UFMG*

Catolicismo e sociedade no Brasil

SANCHIS, Pierre (Org.) Catolicismo no Brasil Atual.
São Paulo; edições Loyola 1992 (3.v)

Em além do Bem e do Mal, de 1882, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, afogueado por sua vibrante energia e assentado nos ideais que tinham na razão o seu fundamento existencial, cunhava uma expressão para caracterizar um período da história da humanidade que, segundo ele, embora estivessem os homens em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, apontava para uma desconcertante abundância de possibilidades. A expressão era a "morte de Deus" e as possibilidades eram aquelas derivadas do regionalismo característico da sociedade moderna.

Um século depois, em meio a um "caos" talvez mais desordenado do que aquele do tempo de Nietzsche, Gilles Kepel (KEPEL, 1991). Professor do Instituto de Estudos Políticos de Paris, cunhou a expressão "A Revanche de Deus" para intitular um ensaio sobre a retomada do espírito místico pela humanidade. Segundo

ele, os movimentos religiosos aparecem como portadores das certezas porque se referem a algo que parece estar acima das flutuações das dúvidas humanas. Nessa medida, os Evangelhos, o Corão, por serem provenientes de uma fonte que foge à angústia são o refúgio das pessoas em momentos de crise.

Se Nietzsche estivesse vivo, possivelmente se justificasse, dizendo que entre tantas possibilidades, algumas poderiam se abrir, inclusive, ao "retorno" dos ideais religiosos. Mas o filósofo ficaria certamente desconcertado se visse a que ponto chegou a revanche, talvez não de Deus, como disse Kepel, mas dos próprios homens, que não têm a que se agarrar dentro desse caos.

A onda místico-religiosa que atinge a humanidade do fim do século XX, seja o fundamentalismo islâmico que, como um turbilhão fervoroso, volve multidões inteiras em direção aos seus